

# A PERCEPÇÃO DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Ana Cristina Finger Campos<sup>1</sup>  
Dagmar Bittencourt Mena Barreto<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste estudo buscou-se verificar a percepção das mulheres que sofreram ou sofrem algum tipo de violência, compreender os motivos que as levam a se submeterem a situações de violência, bem como verificar os principais prejuízos nas esferas psicológicas, sociais e ocupacionais dessas mulheres. Buscou-se compreender as vítimas de violência doméstica por outro ângulo, por meio de sua própria percepção, o que contribui para desmistificar crenças, teorias e julgamentos que afirmam que “mulheres gostam de sofrer violência”. Seis mulheres que procuraram atendimento no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) no Município de Catanduvas, SC, participaram desta pesquisa. Elas responderam à entrevista semiestruturada, e, após análise dos conteúdos obtidos, foi constatado que o ciclo de violência é alimentado pela falta de informação e compreensão, pelo medo, pela transmissão intergeracional da violência, explicada pelas teorias da aprendizagem social na esteira de Bandura (1963), por fatores socioculturais e pela autculpa dessas mulheres. Constatou-se, ainda, que esse fenômeno tem como principais consequências transtornos psicológicos, o que justifica a realização desta pesquisa e exige outros estudos nesta esfera para maior compreensão e expansão das descobertas científicas na área da Psicologia.

Palavras-chave: Violência doméstica. Violência contra a mulher. Principais consequências da violência.

## 1 INTRODUÇÃO

Violência quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, é constranger, é restringir a liberdade, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade por meio de ameaças ou agressões como espancamento, lesões ou homicídio. É um meio de coagir, de impor o domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano.

A Declaração sobre a eliminação da violência contra a mulher, aprovada pela Conferência de Viena em 1993, definiu “violência contra a mulher” como qualquer ato de violência baseado no gênero que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológica da mulher.

A violência doméstica ainda é uma realidade presente nos dias atuais, embora pareça inacreditável pensar que existem homens que ainda apresentam comportamentos violentos em tempos modernos e de grandes tecnologias, na era digital e de múltiplas informações, quando falamos e vivemos democraticamente. É ainda mais intrigante imaginar que existem mulheres que se submetem à violência doméstica sem denunciar seus agressores.

Dessa forma, faz-se necessária a realização de estudos e pesquisas sobre o referido assunto, para ampliar a compreensão e permitir a reflexão e o debate, objetivando a desconstrução de práticas preconceituosas nos atendimentos a mulheres vítimas de violência doméstica.

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; anac.psyco@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professor na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; dagmar.barreto@unoesc.edu.br

Identificar e analisar os motivos que levam essas mulheres à submissão em situações de violência doméstica é um dos objetivos desta pesquisa, bem como categorizar as formas de violência doméstica mais frequentes no Município de Catanduvas, além de refletir sobre as consequências delas.

A prática da violência não é fruto da natureza, mas do processo de socialização das pessoas, consequência dos papéis impostos às mulheres e aos homens ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia. Ou seja, a prática da violência doméstica e sexual surge nas relações em que uma ou ambas as partes envolvidas não “cumprem” as funções esperadas.

Em um resgate histórico da violência doméstica contra a mulher pode-se observar que a luta para mudar esse panorama tem sido grande. Um exemplo são os documentos e tratados assinados por diversos países para garantir alguns direitos às mulheres, como, direito ao voto, apesar de as mulheres ainda terem pouca representação política, direito ao ingresso no sistema educacional, e direito a lutar pela igualdade. Porém, nossa sociedade ainda impede o pleno desenvolvimento das mulheres, discriminando-as de diferentes formas. Uma delas é a situação de desigualdade no trabalho, pois elas recebem salários mais baixos e encontram maiores dificuldades para conquistar cargos de chefia. Outra é o desrespeito no trânsito ou a falta de credibilidade ao assumirem uma função considerada masculina, como a função de motorista de transportes coletivos ou de transportes de carga, o que, muitas vezes, contribui para a perpetuação da violência de gênero.

Inúmeros são os relatos de violência contra a mulher praticados ao longo da história. Muitos foram levados ao extremo, como a venda e troca de mulheres, muitas escravizadas, violadas, assassinadas por ocasião da morte de seus senhores ou maridos, consideradas objetos, inferiores ao gênero masculino.

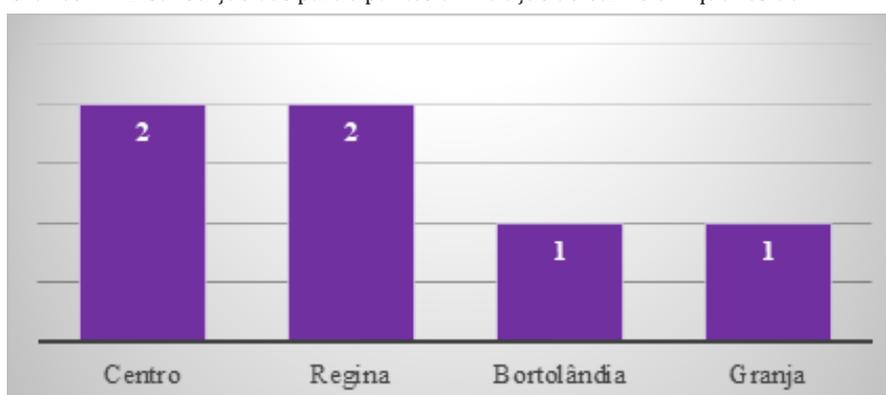
“A discriminação não deixa de ser um aspecto fundamental da violência. Significa o processo que sustenta e justifica os atos violentos.” (TELES; MELO, 2003, p. 28). O controle dos homens sobre as mulheres, inicialmente, ocorreu por meio da força bruta, o que foi sendo substituída por novos métodos e novas formas de dominação, como as leis, a religião, a filosofia, a ciência e a política, que “justificavam” a prática de muitos crimes contra as mulheres.

Este estudo tem como principal objetivo pesquisar os significados atribuídos pelas mulheres entrevistadas em relação à vivência da violência doméstica. Os resultados da pesquisa serão analisados e discutidos ao longo do trabalho.

## 2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio das entrevistas realizadas com mulheres vítimas de violência doméstica, atendidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), no Município de Catanduvas, no período que compreende o mês de março a dezembro de 2015. Serão apresentadas para análise algumas características dos sujeitos da pesquisa, como bairro, idade, estado civil, escolaridade, profissão e faixa de renda familiar.

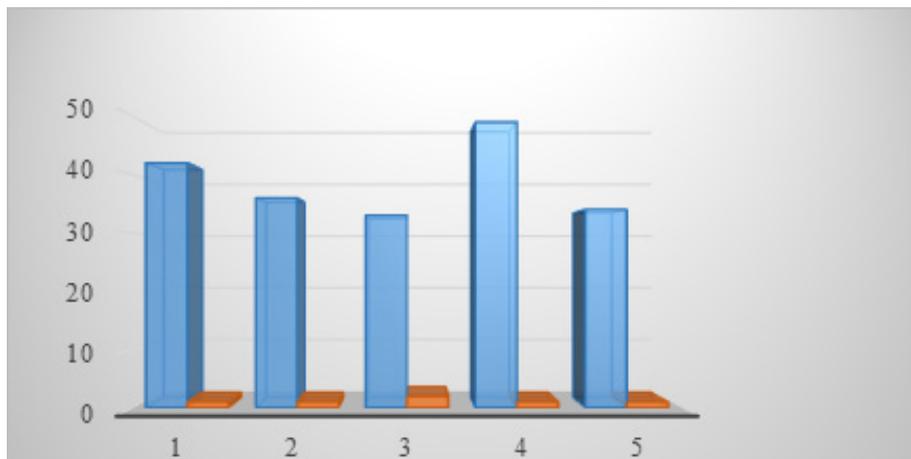
Gráfico 1 – Distribuição das participantes em relação ao bairro em que residem



Fonte: os autores.

O Gráfico 1 demonstra que a violência não se restringe a bairros mais isolados. Observa-se que das seis entrevistadas nesta pesquisa, quatro residem em bairros próximos ao Centro do Município.

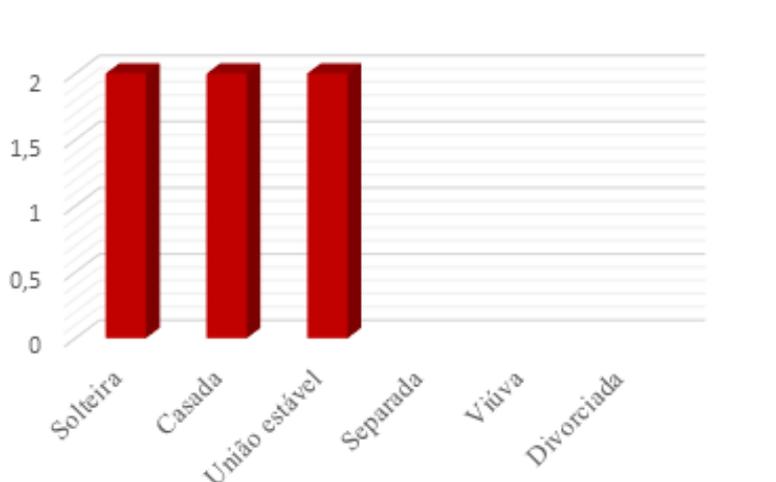
Gráfico 2 – Distribuição das participantes em relação à idade



Fonte: os autores.

No Gráfico 2 estão distribuídas as idades das participantes desta pesquisa. Como podemos observar, elas são variadas, pois, infelizmente, os agressores não delimitam a idade de suas vítimas.

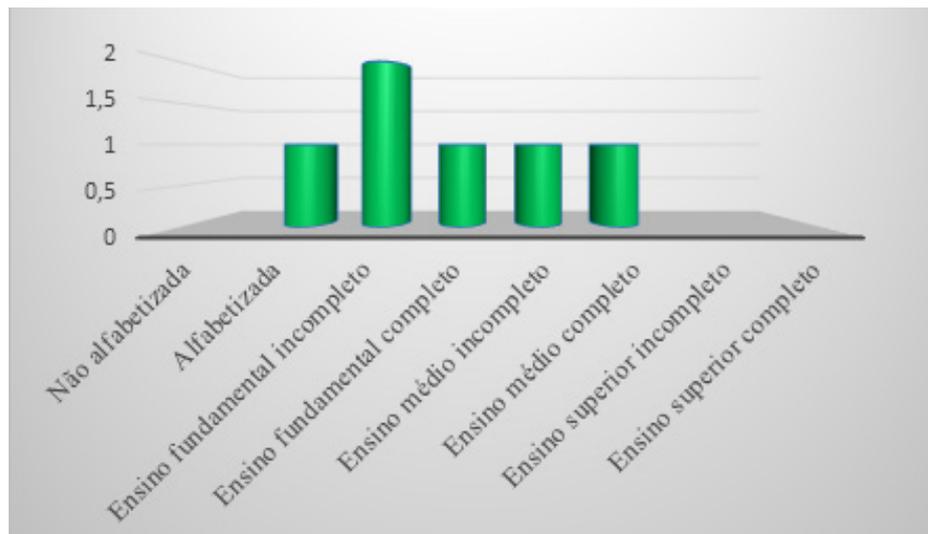
Gráfico 3 – Distribuição das participantes em relação ao estado civil



Fonte: os autores.

O Gráfico 3 demonstra que a maioria das participantes desta pesquisa, que sofreram violência doméstica por parte do companheiro, são solteiras ou estão em união estável, ou seja, a maior parte delas não efetuou o casamento. Um dos motivos que podem explicar esse dado é que no imaginário popular a união estável não prevê os mesmos deveres do casamento, e, assim, os agressores parecem usufruir de maior liberdade para praticar a violência doméstica contra suas companheiras.

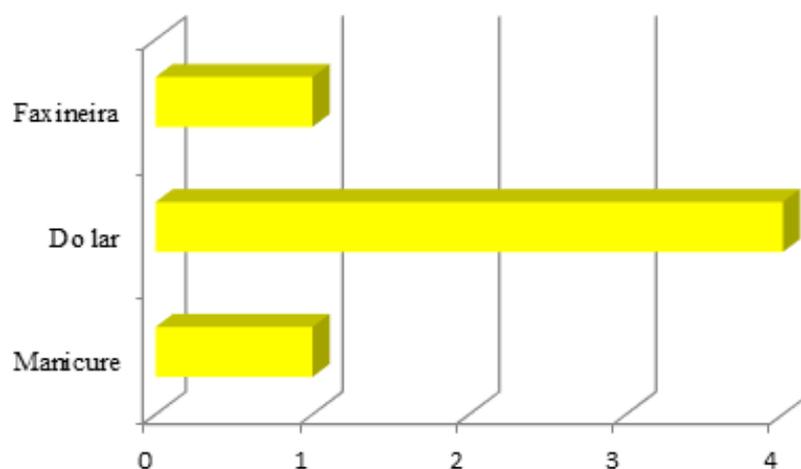
Gráfico 4 – Distribuição das participantes em relação ao grau de escolaridade



Fonte: os autores.

O Gráfico 4 demonstra que o grau de escolaridade é um fator a ser considerado entre as mulheres entrevistadas, uma vez que nenhuma delas possui elevado nível de escolarização. Porém, não podemos generalizar e afirmar que a violência doméstica ocorre somente entre indivíduos com pouco grau de instrução, pois “a Maria da Penha que empenhou a bandeira da luta em relação à violência contra a mulher foi vítima de atrocidades que a deixaram paraplégica e o autor não era um operário, mas sim um professor universitário.” (SOUZA, 2007, p. 30). Esse exemplo denuncia que o problema da violência doméstica ultrapassa as fronteiras das classes sociais e do grau de intelectualidade.

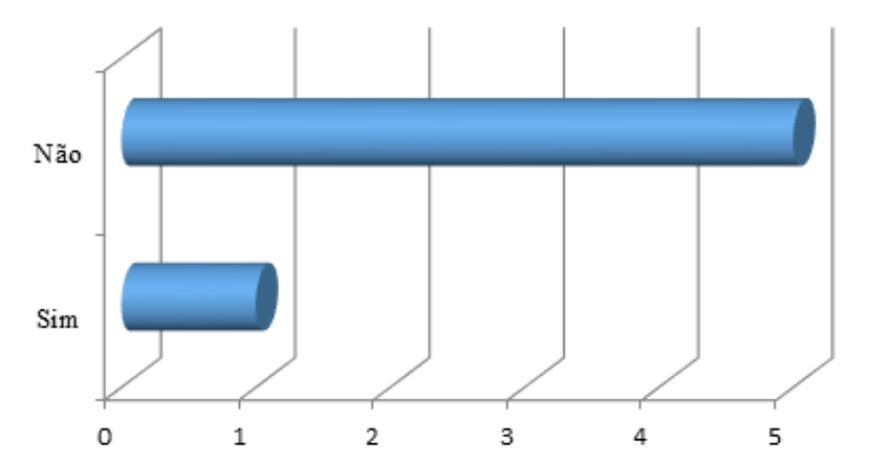
Gráfico 5 – Distribuição das participantes em relação à profissão ou ocupação



Fonte: os autores.

O Gráfico 5 nos permite concluir que a maioria das entrevistadas se ocupa apenas com os afazeres domésticos ou estão inseridas em profissões de baixa remuneração, o que acaba gerando dependência financeira e, muitas vezes, contribui para sua submissão a situações de violência doméstica. A Conferência Nacional de Saúde (1997) considera o trabalho remunerado uma das formas mais eficientes de diminuir a violência doméstica, uma vez que as principais vítimas são mulheres que trabalham somente em casa.

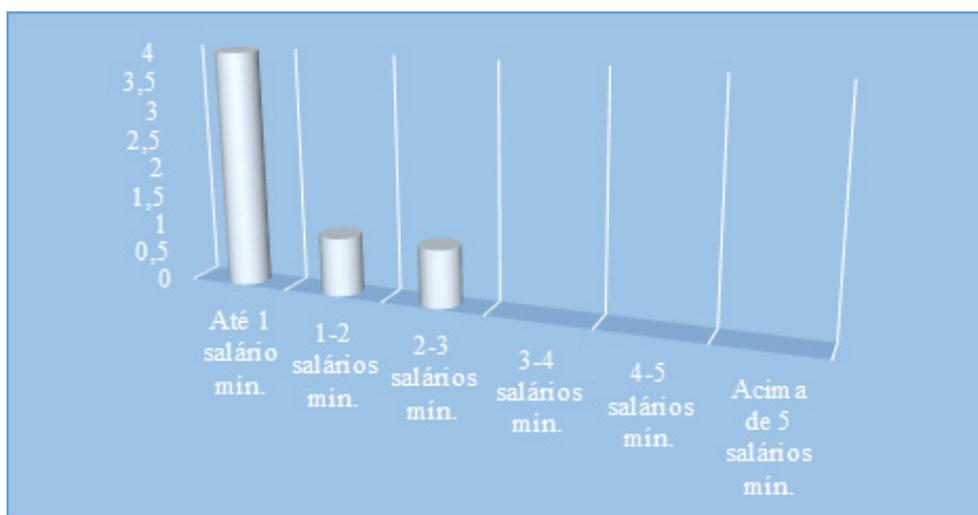
Gráfico 6 – Distribuição das participantes em relação a emprego com carteira assinada



Fonte: os autores.

De acordo com o Gráfico 6, apenas uma das entrevistadas possui carteira de trabalho assinada. A não inserção no mercado de trabalho formal, muitas vezes, contribui para a submissão de algumas mulheres a situações de violência doméstica.

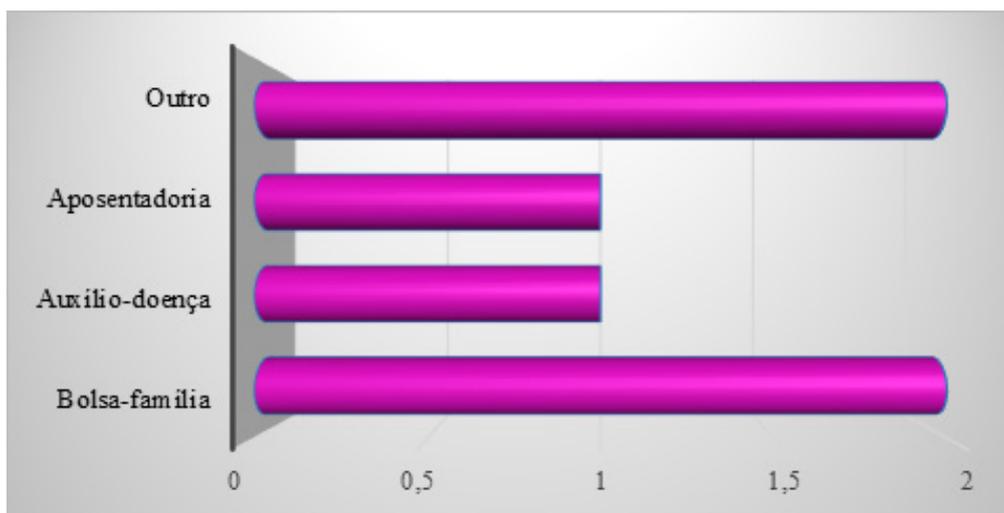
Gráfico 7 – Distribuição das participantes em relação à faixa de renda familiar



Fonte: os autores.

De acordo com o Gráfico 7, a faixa de renda familiar é outro fator a ser considerado, pois se nota que todas as entrevistadas assinalaram as opções que indicam renda familiar baixa. Essa informação não pode ser generalizada em razão da pequena amostragem utilizada neste artigo. Segundo pesquisa realizada em Fortaleza (ADEODATO et al., 2005, p. 111), “quando a mulher aponta o item dependência financeira como motivo de não ter deixado o agressor, normalmente este vem associado à faixa de renda familiar e ao número de filhos.”

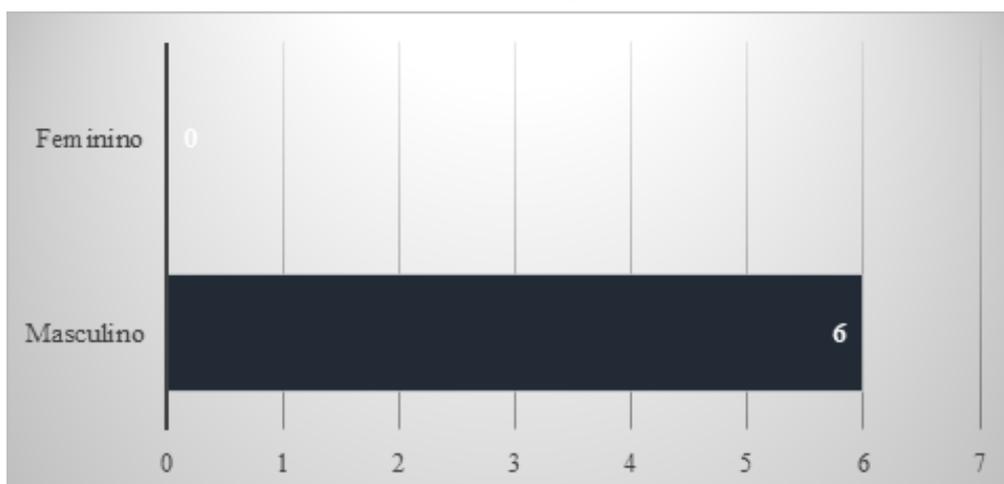
Gráfico 8 – Distribuição das participantes em relação ao recebimento de benefício ou aposentadoria



Fonte: os autores.

O Gráfico 8 demonstra que duas entrevistadas recebem o benefício Bolsa-Família, uma, auxílio-doença, uma, aposentadoria, e as outras duas, outros tipos de benefícios.

Gráfico 9– Distribuição das participantes em relação ao gênero da pessoa que praticou a violência



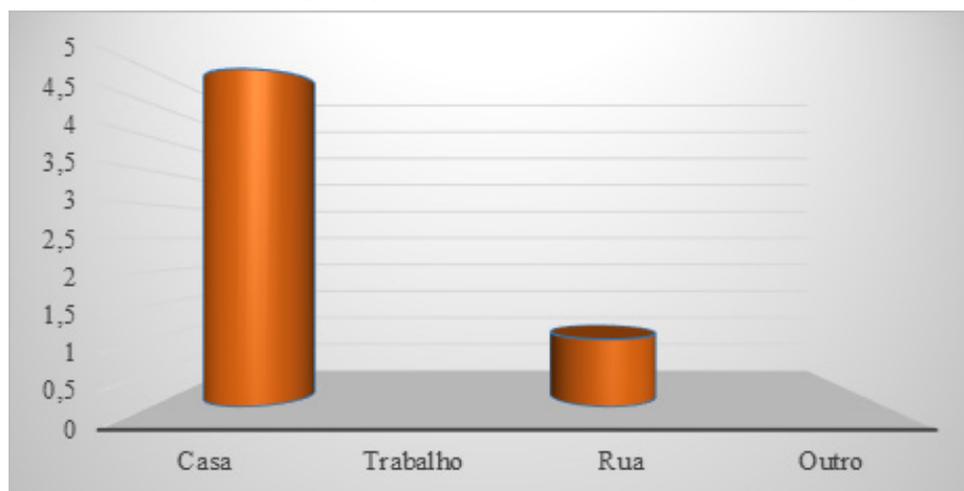
Fonte: os autores.

Ao analisarmos o Gráfico 9, observa-se que o gênero masculino foi unânime entre os agressores, indicando a violência de gênero. Essa violência é apresentada por Souza (2007, p. 35, grifo do autor):

[...] se apresenta como uma forma mais extensa e se generalizou como uma expressão utilizada para fazer referência aos diversos atos praticados contra as mulheres como forma de submetê-las a sofrimento físico, sexual e psicológico, aí incluídas as diversas formas de ameaças [...] A violência de gênero se apresenta, assim, como um 'gênero', do qual as demais, são espécies.

A violência de gênero pode ser conceituada como qualquer ato que resulta ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade em público ou na vida privada, assim como castigos, maus tratos, pornografia, agressão sexual e incesto (ADOEODATO et al., 2005).

Gráfico 10 – Distribuição das participantes em relação ao local onde a violência foi praticada



Fonte: os autores.

Segundo Souza (2007, p. 36), “[...] é no seio do grupo familiar que a mulher mais sofre violência, praticadas principalmente pelo seu marido, companheiro ou conviventes, pai e irmão [...]”, o que pode ser comprovado pelo Gráfico 10, que demonstra que as entrevistadas declararam que a prática da violência ocorreu, na maioria das vezes, dentro de casa.

Gráfico 11 – Distribuição das participantes em relação ao tempo de relacionamento com o agressor

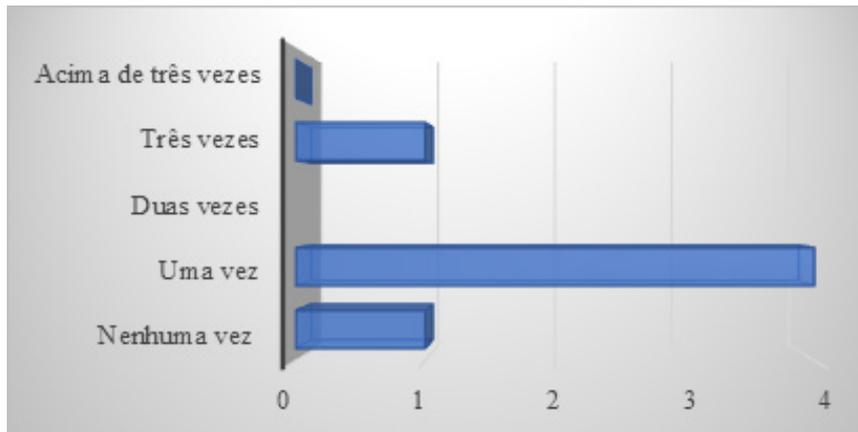


Fonte: os autores.

Ao analisarmos o Gráfico 11, pode-se concluir que o tempo de relacionamento não influencia para que as mulheres se tornem vítimas de violência; a violência pode acontecer no início do relacionamento, após um período, ou se estender ao longo dos anos. O principal motivo de as mulheres não se separarem dos parceiros no início das agressões é o fato de eles prometerem melhorar (ADEODATO et al., 2005, p. 111), ou seja, modificar seu comportamento agressivo.

Quanto ao número de vezes que as participantes foram vítimas de violência, elas responderam: “Várias vezes.” (E1). “Oito vezes.” (E2). “Duas vezes.” (E3). “Dez vezes.” (E4). “Sempre, até hoje.” (E5). “Psicológica sempre, física uma vez.” (E6) (informações verbais).

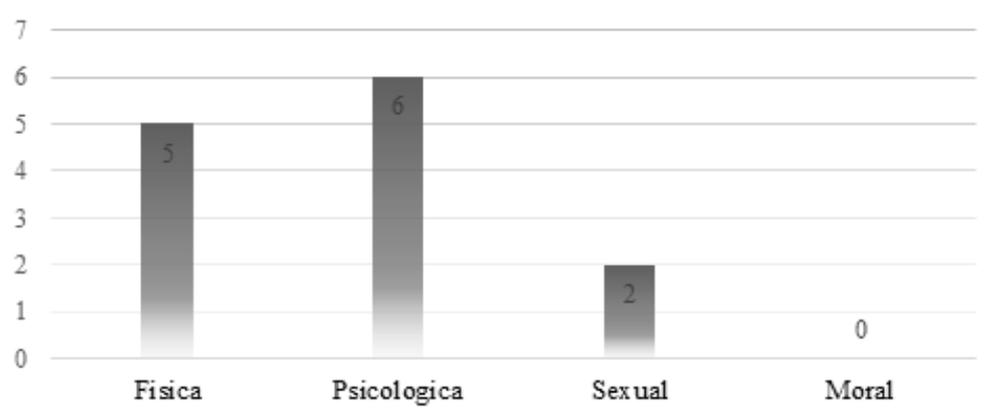
Gráfico 12 – Distribuição das participantes em relação ao número de denúncias contra o agressor



Fonte: os autores.

Conforme o Gráfico 12, as participantes desta pesquisa informaram que realizaram algumas denúncias em relação à prática de violência contra elas, porém retomavam o relacionamento com os agressores baseadas nas suas promessas de mudança de comportamento.

Gráfico 13 – Distribuição das participantes em relação ao tipo de violência sofrida



Fonte: os autores.

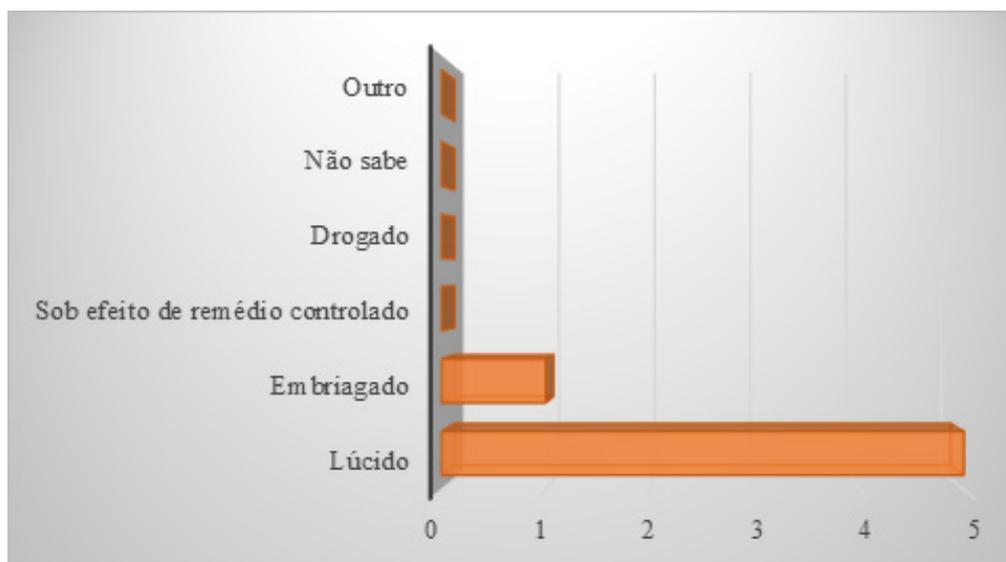
Quando questionadas se já receberam ameaças por parte do agressor para não denunciar a violência sofrida ou retirar a denúncia, as participantes responderam:

- Sim, já recebi ameaça de morte, que não iria ter lugar para me esconder, que me acharia e me mataria. (E1).
- Sim, já recebi ameaça de morte. (E2).
- Sim, já recebi ameaça de morte. (E3).
- Sim, já recebi diversos tipos de ameaças, inclusive de morte. (E4).
- Sim, já me pulou de faca, comprou revólver e diz que vai matar eu e as crianças. (E5).
- Sim, muitos tipos de ameaças. (E6) (informações verbais).

Conforme o Gráfico 13 e as respostas sobre ameaças relatadas pelas participantes da pesquisa, observa-se que prevaleceu a violência psicológica, no entanto, ela é seguida pela violência física e sexual. O Ministério da Saúde, apesar de diferenciar os tipos de violência, afirma que eles se misturam e se entrelaçam de formas diversas. Segundo pesquisa com mulheres vítimas de violência (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007), pode-se considerar a violência doméstica psicológica como uma categoria de violência que é negligenciada. Essa afirmação tem como base dois pilares: o primeiro refere-se ao que é denuncia-

do nas manchetes dos jornais, que destacam a violência doméstica somente quando esta se manifesta de forma aguda, ou seja, quando ocorrem danos físicos importantes ou quando a vítima vai a óbito; o outro, apresentado reiteradamente pela mídia, é o de que a violência urbana é superior à violência doméstica em quantidade e gravidade. De acordo com esta pesquisa, a violência psicológica nem sempre é considerada como deveria, pois não se mostra de forma visível, não deixa marcas facilmente identificadas, porém causa danos irreparáveis.

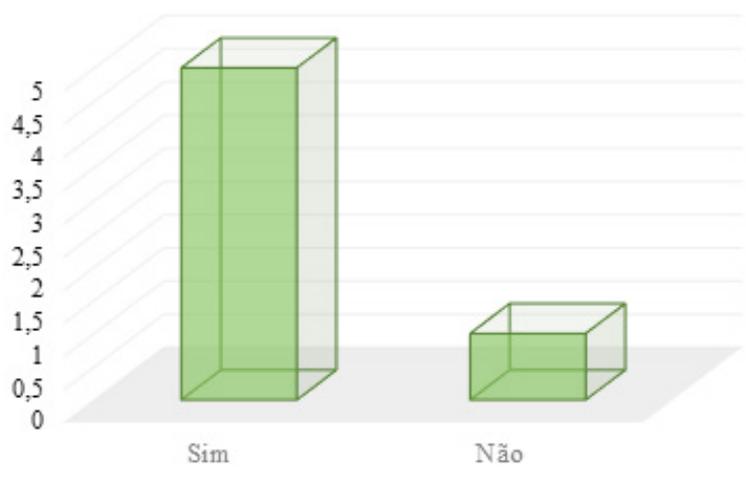
Gráfico 14 – Distribuição das participantes em relação ao estado em que se encontrava a pessoa que praticou a violência



Fonte: os autores.

De acordo com o Gráfico 14, a maioria das participantes afirmou que o agressor estava lúcido no momento das agressões, e apenas uma respondeu que o agressor se encontrava embriagado. No entanto, essa realidade contraria os achados científicos, que afirmam que a grande maioria dos homens que cometem violência contra a mulher ingere bebidas alcoólicas.

Gráfico 15 – Distribuição das participantes em relação ao fato de terem presenciado cenas de violência na infância



Fonte: os autores.

O Gráfico 15 demonstra que a maior parte das mulheres que sofreram violência doméstica presenciou cenas de violência na infância. “Os estudos de D’Oliveira et al. (2009) confirmam esses dados, destacando que a presença de cenas de violência na infância são fatores de risco. Essas experiências vivenciadas na família de origem têm indicado forte relação com a violência doméstica posterior”, (ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013) pois a violência se torna comum nas relações conjugais.

Os padrões de sofrimento e violência doméstica na família, se não cessados, podem continuar sendo perpetuados ao longo das gerações. [...] como não foram aprendidos outros modelos de relações familiares, a história de violência vivenciada por homens e mulheres na infância ou adolescência tende a ser reproduzida na vida adulta. (SILVA; NETO; FILHO, 2009 apud ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013).

Quanto à percepção das participantes sobre a violência sofrida, elas afirmaram:

Não consigo entender, porque simplesmente as agressões começavam do nada, sem motivo, mas, depois da denúncia, continuam só os xingamentos. (E1).  
É uma coisa que você nunca esquece, chora muito, sente ódio, raiva... (E2).  
É uma coisa terrível de se viver. (E3).  
Acho uma covardia. (E4).  
Eu não sei porque ele ainda está em casa, porque tem muita raiva de mim e de meus filhos. (E5).  
Às vezes penso em deixar dele, mas quando não bebe é outra pessoa, aí tenho dó, ainda mais porque a mãe dele morreu. (E6) (informações verbais).

Buscando compreender o significado da vivência da violência sofrida pelas participantes, a partir de seus próprios relatos, pode-se concluir que a compreensão delas sobre este assunto é vaga e confusa. O estudo de D’Oliveira et al. (2009) descreve que as mulheres têm uma compreensão vaga e mediana sobre os sentidos da vivência da violência doméstica. Segundo esse estudo, o cotidiano dessas mulheres envolve conflitos constantes de submissão, menosprezo, solidão e humilhação. Elas são expostas à violência física, psicológica e sexual, tornando a violência doméstica indecifrável, de tal modo que as mulheres não compreendam quão violentadas estão. Alguns autores apontam que as mulheres vítimas de violência apresentam pouca percepção a respeito da vivência da violência, o que pode ser confirmado por meio das respostas apresentadas anteriormente.

Em relação às principais consequências decorrentes da violência, as participantes relataram:

Perdi minha filha mais velha que era contra o relacionamento, contra ele me bater, então quando vim morar com ele, ela foi embora e nunca mais nos vimos. (E1).  
Depressão, pensamento de me matar e de matar alguém. (E2).  
Depressão. (E3).  
Medo, falta de confiança nas pessoas, a gente nunca esquece. (E4).  
Depressão. (E5).  
Choro constante, dor, tristeza, falta de apetite. (E6) (informações verbais).

Entre as principais consequências da violência doméstica estão os transtornos psicológicos. “Depois que passaram a ser vítimas de violência psicológica, mulheres afirmam ter começado a fazer uso de ansiolíticos ou antidepressivos.” (ADEODATO et al., 2005). Tal citação corrobora as respostas mencionadas.

Quanto aos motivos que as mantêm ou as mantiveram no relacionamento mesmo diante da violência, as entrevistadas verbalizaram:

Os filhos, porque ele ameaça que vai tirar meus filhos se eu sair de casa ou deixar dele. (E1).  
Não mantém mais relacionamento com o agressor. (E2).  
Dependência financeira, não posso trabalhar. (E3).  
Medo de que ele fizesse alguma coisa para as crianças e eu fantasiava ter uma família, então queria que desse certo. (E4).

Medo. (E5).

Medo. E um pouco eu gosto dele também. (E6) (informações verbais).

Entre os principais motivos apresentados pelas participantes desta pesquisa para manter o relacionamento com o agressor estão o medo de que eles cumpram as ameaças proferidas contra elas, os filhos e a dependência financeira. Em artigos relacionados ao tema em tela, alguns autores afirmam que um dos motivos que levam as mulheres a não denunciar seu agressor é a crença nas promessas de que mudarão o comportamento violento, elas acreditam que eles não são pessoas más e que vale a pena dar outra chance para que possam demonstrar isso, arrumando inúmeras desculpas para justificar o comportamento violento de seus companheiros, muitas vezes, assumindo parte da culpa.

### 3 CONCLUSÃO

Conclui-se que o ciclo de violência doméstica é alimentado pela falta de informação e compreensão dos significados sobre ela; pelo medo imposto às vítimas, quase sempre por meio de ameaças; pela transmissão intergeracional da violência, na qual se comprova que mulheres que presenciaram cenas de violência na infância estão mais suscetíveis a vivenciar situações de violência na fase adulta, em razão de ser o único modelo de convivência que tiveram; e por fatores socioculturais em que, muitas vezes, a violência é reforçada pelo machismo e pela autculpa, e as mulheres justificam a violência recebida atribuindo a culpa a si mesmas. Todos esses fatores explicam a submissão das mulheres a situações de violência doméstica. Os significados atribuídos à violência doméstica pelas participantes foram vagos e superficiais, confirmando a falta de compreensão sobre o assunto. Constatou-se, ainda, que esse fenômeno tem como principais consequências os transtornos psicológicos, o que, muitas vezes, dificulta a identificação de situações de violência, bem como as denúncias de tais situações, uma vez que as vítimas estão emocionalmente abaladas.

### REFERÊNCIAS

- ADEODATO, V. G. et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 1, p. 108-113, 2005.
- D'OLIVEIRA, A. F. P. et al. Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 2, 2009.
- SILVA, L. L. da; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. de. Violência Silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, n. 21, p. 93-103, 2007.
- SOUZA, L. A. de; KUMPEL, V. F. **Violência Doméstica e familiar contra a mulher: Lei 11.340/2006**. São Paulo: Método, 2007.
- SOUZA, S. R. de. **Comentários à lei de combate à violência contra a mulher: Lei Maria da Penha 11.340/06**. Curitiba: Juruá, 2007.
- TELES, M. A. de A.; MELO M. de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- ZANCAN, N.; WASSERMANN, V.; LIMA, G. Q. de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jul. 2013.

